Salignac e Sousa

Da Academia Amazonense de Letras

MOACYR ROSAS

ESBANJADOR DE BELEZAS!

Manaus — Brasil — MCMLIV

Salignac e Sousa

Da Academia Amazonense de Letras

MOACYR ROSAS

ESBANJADOR DE BELEZAS!

Menaus—Brasil—MCMLIV

MOACYR ROSAS—«Esbanjador de Belezas»!, na expressão de SALIGNAC E SOUSA

(Do Jornal do Comercio de 8/12/53)

Viajar, descortinar paisagens estranhas, ver fisionomias diferentes das que nos são comuns ou, então, das que sempre evidenciam os traços próprios de nossa gente, ouvir idiomas diversos e sentir creaturas que, isoladas ou agrupadas, têm as suas características psicológicas ou observar-lhes hábitos peculiares, é, a um tempo, recrear-se e ilustrar-se! Por mais escancarada que, ao visitante, se permita a intimidade, em meio a uma coletividade ou entre algumas dezenas ou centenas de personalidades simbólicas de um povo, êle se assemelha a certos corpos que não se misturam ou não se combinam nas experiências dos que se divertem na ambiência surpreendente dos laboratórios. Quem, assim, peregrina, póde melhor apreender tôda uma paisagem que a inteligência humana soube preparar nos diversos coloridos de suas creações, desenvolvendo-as ou aprimorando-as. Se o viajante possui tendências a um dos setores mais agradáveis e seducentes aos leitores, que é o da reportagem, transformar-se-á no celebrado cristal mágico, possibilitando apreciarem-se episódios e refletindo imajens e, também, num analista, discorrendo sôbre o que percebeu de interessante a anotar e comentar. Se, a esse pendor, reune o lastro cultural e um talento fecundo e agil, muito valioso será o seu concurso, fornecendo a outrem, sem a mesma oportunidade de percorrer sítios lon-

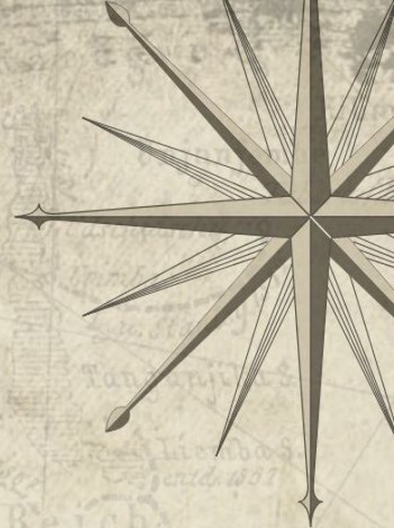
ginquos, conhecimentos de tudo aquilo que lhe mereceu registro e apreciação.

Numerosos são, na literatura universal, os cronistas que nos transferem as reminiscências de suas pervagações pelos continentes, de visitas a nações remotas e, a propósito de «Cidades, Homens e Livros», do acadêmico Moacyr Rosas, bem oportuno, pela afinidade de gostos, evocar «Impressões de viajem» com que um escritor e jornalista patrício, Garcia Redondo, nos delicía, falando de indivíduos de tôdas as raças e desabotoando-nos as lembranças do que encontrara de belo e útil na velha e suntuosa Europa. Nem mesmo as frases estudadas e repetidas em variados idiomas a bordo, quando os passageiros se reuniam na amurada ou nos salões do navio, passaram desapercebidas. Se, ao em vez de se servir das colunas dos periódicos, o viajor reunir todo o acervo de notas, sem dúvida que, dotado de virtudes intelectivas ao nível da obra, presta inestimável serviço às letras, em todos os seus ângulos. Está habilitado a nos desenrolar a tessitura dos eventos históricos, a fazer desfilar, deante de nós, monumentos e estatuários, a franquear-nos galerias empolgantes na pintura e na escultura, a descerrar os véus que recobrem as riquezas, a nos encaminhar aos motivos geográficos, enfim, a nos pôr, às vistas, o gráu de civilidade dos países perlustrados. Esplendendo conhecimentos especializados, H. Taine, insígne poeta e estilista francês, deslumbra-nos, através «Dos quadros de viajem» e, descrevendo «A BROCKENAUS», numa visão conjunta e, entre conceitos profundos e imajens originais, fornece-nos copiosa reserva de sabedoría, indo do teatro clássico à História e, do panorama da

vida humana, às teias finíssimas e multicoloridas dos enredos mitológicos, na fórma interpretativa de suas lendas, doces, românticas como as ondinas danubeanas e aromatizadas como as resinas balsâmicas dos bosques da Floresta Negra. O livro, que inaugura a via do escritor cintilante e opulento, que se comprova Moacyr Rosas, um dos valores da prestigiosa Academia Amazonense de Letras, a conhecida Casa de Péricles Moraes, onde o Mestre rebrilha e onde, também, prefulge a cultura filológica de João Leda, representantes autênticos de um colunário gigantesco e luminoso em cujo capitél refulgia Adriano Jorge, o livro de Moacyr Rosas, repetimos, bem merece os conceitos de Cajal: — «Há, nos livros de imaginação, primores e excelências que passam indiferentes ao autor. São como os matizes irizados do nacar, só visíveis ao olho humano, depois da morte do molusco.» Quer êle sublinhar o desapreço que nós lançamos aos nossos trabalhos, se não somos tocados de excessivo amôr-próprio, gerador da egolatria. Quando Moacyr Rosas, numa idéia heróica e venturosa, heroismo, sim, pois todos sabemos os tremendos óbices para se publicar uma simples «plaquette», auspiciosa, pelo cunho de beleza e pela erudição, vasada em muitos ou quase todos os capítulos, escreveu o seu livro, de certo não alcançára a tríplice finalidade, cristalizada na obra, agora, justamente, festejada dentro e fóra do Brasil. Se désse a conhecer o rútilo «dossier» que constituem dezenas de cartas, cujos remetentes são expoentes nos Estados em que vivem, lucilando os nomes principalmente nas ciências odontológicas, bastaria para se considerar a forte ressonância nas esféras culturais. Abrindo-a numa série de conceitos em tôrno de viajens e viajores,

revela, de logo, o contácto com os mestres que enobrecem a literatura portuguesa e gaulesa. Descrevendo as emoções experimentadas no trajeto aéreo, saído da Pátria para as regiões platinas, Uruguai e Argentina, dir-se-á um reporter que, em seguida, se consagra num cronista habilíssimo, reconstituindo, de permeio à narrativa de como vive a massa popular em Buenos Aires e Montevidéu, as maneiras elegantes com que as receberam as figuras proeminentes da sociedade argentina e uruguaia. Moacyr Rosas, aqui e alí, deixa o acento de suas simpatias e o realce de sua comovedora gratidão aos colegas e a quantos o rodearam durante os dias de sua frequência aos diversos e respectivos círculos sociais das duas nações. Focalizando os esplendores artisticos da Catedral de Buenos-Aires, comporta-se à altura de um excelente crítico de arte, parecendo haver-se inspirado naquele francês de gênio fúlgure, imantado das irradiações policrômicas da inteligência de seus antepassados flamengos, o celebrado autor do «A rebours» e que, posteriormente, em «A Catedral», se redimiu e se sublimificou. Foi, segundo êle, a umas quinze igrejas e dedica umas sugestivas revocações à de Mercedes. Ressaltou o «Foyer portenho», deixando nítida a sua experiência das inclinações das mulheres inteligentes pelas roupas que, na côr e no feitio, atraem, não apenas a curiosidade, mas, muito especialmente, a simpatia dos homens. Moço, talentoso, gentleman e de senso estético apurado, não poderiam fugir-lhe, às celebrações e aos encantamentos, os teatros, os clubes, a música, os painéis sedutores, as rosas e as flôres e, com os seus perfumes inebriantes, a graça extasiante das mulheres que, nos salões ou nas festas ou reuniões íntimas,

simbolizavam a Divina Beleza ! Uma rádio-atriz lembrou-lhe um pensamento terno de Musset, enquanto outra, de cabelos semelhantes aos trigais, obrigou-o, no fulvo de suas ondas, a recordar Ticiano e, finalmente, Iris Perret lhe mereceu uma página evocativa, esmaltada de lances helênicos. Falando nas rosas e nos vinhos, exaltando os perfumes e as sinfonias, Moacyr Rosas teria de se influír do profundo conceito de Maupassant: — «Em verdade, a mulher tem sempre a situação que impõe pela ilusão que sabe produzir». Dubay perferiu definí-las de uma fórma um tanto mística, «doce e terno mistério que todo o mundo adora sem conhecer». Um misto de anjo e demônio, de sublimidades e sortilégios, sem dúvida, acentuamos nós! O autor não se restringiu a esses cantos de louvor aos demônios irresistíveis; não, ocupou-se, com seriedade, numa análise percuciente, dos homens prefulgentes que fórmam a galeria do pensamento moderno cisplatino, alargando-se aos que sobredoiram a cultura ibero-americana. Foi além! Confessando uma estima tôda justificada pela Bahia, a unidade federativa brasileira que é um dos florões de nosso valor intelectual, afóra as suas credenciais de berço de nossas gloriosas tradições, enumera-lhe os símbolos de grandeza mental, não sòmente na odontologia, porém em tudo quanto se filtra do espírito humano. O retrato suntuario de Rui, esse evangelizador de que o Brasil precisaria para se alertar de rumos abismais, aquela palavra corpulenta e solar que se tornára uma voz de comando, de esclarecimento e de advertência enobrece um capítulo de Moacyr Rosas que lhe faz simultaneamente um epinício e uma homilia vibrante! Um mestre da ciência professada pelo vitorioso escritor, o pro-

fessor mineiro Jerson de Assis Martins, assim também aquele pintor e poeta, de uma sensibilidade ostenteante, que foi Raul Deveza, desfilam, através dos períodos magnificamente laborados, como dois insígnes campeadores, o primeiro da cultura científica e o segundo, da estética moderna. As páginas do livro de Moacyr Rosas são como lâminas de pérola em cuja superfície se gravaram motivos fascinantes e os seus períodos como aljôfares que se desprendem e rolam aos nossos olhos, parecendo mundos iriados de belezas. Imaginação fertilíssima, estilo muito seu, fazemos nosso o conceito filosófico de Anatole France: — «O que seriam os desertos da vida sem as brilhantes miragens dos nossos pensamentos!» Em verdade, Moacyr Rosas cêdo compreendeu tão profunda verdade e cuidou de perpetuar os lampejos de sua mentalidade jovem e fascinante. «Cidades, Homens e Livros» é a pompa auroreal de verdadeiros esbanjamentos de luz e de belezas!

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de **Cultura e Economia Criativa**